

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Priscila Gaspar Romualdo

Espaço e vida de bairro na metamorfose da cidade: Uma análise a partir do Parque São Domingos, São Paulo - SP

São Paulo
Janeiro de 2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Priscila Gaspar Romualdo

Espaço e vida de bairro na metamorfose da cidade: Uma análise a partir do Parque São Domingos, São Paulo - SP

**Trabalho de Graduação Individual apresentado
ao Departamento de Geografia da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
grau de bacharela em Geografia.**

**Orientadora: Profª Drª Ana Fani Alessandri
Carlos.**

São Paulo
Janeiro de 2019

“Nous constituons tous, ensemble, une minuscule branche de l’arbre du vivant: 8,5 millions d’autres espèces, issues d’une longue évolution, nous entourent.

Notre espèce a pourtant un rôle particulier, car nous transformons notre environnement au point d’influencer notre évolution et celle des autres espèces vivantes.

Conscience de soi, du temps, de notre condition d’être mortel... les êtres humains pensent et se pensent. Ils donnent un sens au monde dans lequel ils vivent. Le monde est pour nous à la fois un espace immédiat concret et un univers peuplé d’images et d’idées.”

“La Spécificité de l’Être Humain”. Musée de l’Homme - Paris, 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Marcos e Claudia, pela criação, educação e suporte, pelo apoio nesses 5 longos e difíceis anos da graduação e por me proporcionarem um lar sadio e seguro para o meu desenvolvimento. Agradeço ao meu irmão, Bruno, que mesmo de longe é sempre uma referência, alguém que admiro e que faz falta do lado de cá do Atlântico. E ao meu companheiro Vinícius, que esteve ao meu lado desde o ensino médio, dividindo as angústias da fase pré-vestibular, a alegria em entrar na USP em 2014, um studio de 23m² em Paris durante nosso intercâmbio e agora o momento da formatura.

Aos amigos, de dentro e fora da USP, que acompanharam esse processo e que tornam a vida mais leve e prazerosa com nossos encontros.

A todos os Professores e Professoras do Departamento, grandes pessoas, grandes exemplos. E, em especial, à Professora Ana Fani, por ser um exemplo de intelectual, ter me acolhido e orientado de forma impecável. A ela devo muito, por ter me ensinado muito além de Geografia, uma nova forma de ler o mundo. Foi em sua fala que encontrei o que buscava quando escolhi ser Geógrafa: aprender a enxergar além do que se vê.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 – O LUGAR DO BAIRRO NA METRÓPOLE E NA VIDA.....	8
CAPÍTULO 2 – A CRISE URBANA NO BAIRRO.....	11
CAPÍTULO 3 – MUDANÇAS NA PAISAGEM E NO USO.....	17
Moradia.....	17
Deslocamentos.....	20
Comércio.....	25
CAPÍTULO 4 - O BAIRRO A PARTIR DA CADERNETA DE FIADO E A LOJA DUSEUZE.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	37

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste trabalho surge através das inquietações que vêm me perseguindo e partem da minha própria vivência, enquanto moradora de um dos bairros da região noroeste da metrópole paulistana, o Parque São Domingos, onde nasci e fui criada.

Do ponto de vista da Geografia, descobri que é possível entender o bairro enquanto categoria que guarda a dimensão identitária do indivíduo, constitui uma unidade de vida imediata e expressa um fenômeno da vida por meio de uma espacialidade específica (SEABRA), capaz de responder às questões que as mudanças me traziam na medida em que o espaço do bairro é representativo das experiências cotidianas dos indivíduos, que o produzem e produzem sua vida neste espaço. A intenção deste trabalho não é elaborar uma descrição do espaço do bairro com fim em si mesma, mas uma reflexão que desembarace os elementos que o bairro contém e revele o sentido das apropriações desse espaço nos tempos de hoje.

Do ponto de vista da prática, pude perceber, ao longo do meu curto tempo de vida, o espaço do bairro se transmutar. As mudanças percebidas no bairro ao longo do tempo correspondem à alteração direta da vida concreta. As pessoas não ocupam as ruas e calçadas como antes faziam, há um estranhamento em relação ao espaço, em relação aos outros. Existe também um enfraquecimento das relações comerciais mais simples e de vizinhança, das interações pessoais e da vida pública, além do aumento do trânsito de automóveis. Este espaço, onde me constituí enquanto ser humana e cidadã, onde cresci, construí redes sociais e a partir de onde o mundo era possível para mim, torna-se a cada dia mais diferente e, ao longo da minha trajetória acadêmica, acumulei conhecimentos que me permitiram pensá-lo sob a perspectiva geográfica e como momento- movimento das metamorfoses da metrópole.

No processo de produção do espaço metropolitano contemporâneo e da modernização da sociedade, o bairro vai perdendo vida, isto é, esvazia-se de pessoas, de atividades e encontros, vai perdendo sua coesão interna e se vê cada vez mais enredado na trama geral da metrópole. As atividades vão se deslocando para a esfera privada e virtual. As conversas entre vizinhos nas calçadas vão sendo substituídas por grupos de WhatsApp. O momento do lazer e do esporte dos adultos e das crianças vai migrando das ruas para a segurança do lar.

Essa transmutação ocorre com destruições, metamorfoses e também permanências. As destruições que deram lugar ao novo e ao estranho constituem o ponto de partida das

preocupações mais aparentes que fundam este trabalho. As mudanças são a gênese dos conflitos e das questões que movem a pesquisa. As permanências representam uma oportunidade de compreender esse espaço por meio do que ele foi, em suas dimensões materiais e subjetivas.

O espaço do bairro na escala do lugar, onde cada geração projeta seu modo de vida e seus valores por meio da prática sócio-espacial, hoje reflete as marcas de uma geração moderna e cada vez mais voltada ao mundo privado. Enquanto a morfologia do bairro justapõe tempos diversificados em sua dimensão material, a dimensão prática indica que a geração que produz esse espaço na atualidade guarda poucos dos atributos tradicionais do que foi um dia a vida no bairro e o ritmo de vida específico desse espaço.

Essa geração vive em um mundo onde o futuro parece chegar cada vez mais rápido. As inovações tecnológicas, os movimentos e a próxima revolução chegam cada vez mais rápido e o pensamento e a consciência precisam acompanhar essa velocidade. Uma grande massa de informações é recebida pelo corpo, que muitas vezes não pode decifrá-la e apreendê-la com a mesma fluidez e velocidade com que esta se transporta. Essa inundação de informações é sentida como ansiedade e infelicidade e culmina em desorientação ao submeter os ritmos biológicos que guiam a vida submetida a um tempo -cada vez mais rápido, quando não instantâneo - com que as coisas acontecem. A desorientação se expressa na relação do sujeito dessa geração com o espaço em que vive pela ausência de laços identitários.

O ponto de partida da reflexão, portanto, é a mudança: o bairro se metamorfoseou de forma rápida e brutal nos últimos tempos. A experiência cotidiana revela que os elementos residuais que esse processo deixa não se articulam da mesma maneira. A vida de bairro ganha uma nova forma, moderna e vazia, que evoca a nostalgia do tempo passado. O objetivo do presente trabalho é analisar esses processos, encontrando o lugar do bairro e do morador de bairro nesse momento que dissolve a vida social e traz implicações diretas e violentas à vida prática.

Observar, pensar e buscar compreender esse espaço é um exercício diário que vai além da produção deste trabalho. Portanto, o momento da aproximação à realidade se dá de forma natural e espontânea por meio de conversas corriqueiras com os vizinhos sobre a vida no bairro e o constante olhar observador. Em determinado momento, essas conversas tornam-se entrevistas. Início questionamentos mais incisivos e observações direcionadas à análise dos usos do espaço na atualidade. Alguns aspectos da vida no bairro caracterizam esse espaço, ajudam a pensar essas

questões e compreender as mudanças nos últimos tempos em um panorama mais abrangente que engloba toda a metrópole.

À partir das entrevistas, foi possível analisar os conteúdos da prática socioespacial e comparar a realidade eminentemente com a literatura estudada para embasar as observações e reflexões.

A pesquisa que resulta neste TGI foi construída a partir de um conjunto de questões e destas a possibilidade de um esboço de resposta: Como se define a unidade do bairro? - O que mudou no bairro? Quando mudou? De que forma o que muda se articula com o que fica? Quais seus conteúdos e sua potência para se pensar a realidade a partir desse espaço? - Quais os elementos que revelam a crise da cidade presentes no bairro? Quais as contradições e problemas que as mudanças colocam? Quais as características do bairro na cidade moderna?

O primeiro capítulo busca explorar a especificidade e potência do bairro como lugar da vida imediata e do tempo cotidiano a partir dos conteúdos desse espaço e da forma como se articula com a metrópole como todo. Nesse primeiro momento, o objetivo é evidenciar a centralidade da escala do bairro na compreensão do modo de vida urbano atual e do cotidiano. O segundo capítulo explicita os problemas da vida de bairro que revelam e contém a crise urbana enquanto transformadora direta da vida cotidiana. Paulatinamente, o ritmo metropolitano invade o bairro e tende a conformá-lo a seu tempo e seu modo de vida. O terceiro capítulo busca explorar as mudanças morfológicas na paisagem que alteraram os usos e a forma dos habitantes vivenciarem e se relacionarem com o espaço e seus hábitos cotidianos. A partir de esferas elementares da vida moderna, como moradia, deslocamento e consumo, nesse capítulo desbrinhamos a forma como as mudanças nos últimos anos afetaram a vida local. No quarto e último capítulo, a densidade e riqueza do espaço do bairro é analisada a partir de um elemento considerado potencialmente revelador: a loja Duseuze e sua caderneta de fiado, que não só explicam a trama de relações que o bairro contém e continua reproduzindo como forma de resistência ao urbano moderno, mas também revelam as especificidades desse espaço enquanto lugar da vida imediata e do tempo cotidiano, lugar central para compreender o momento atual da sociedade.

CAPÍTULO 1 – O LUGAR DO BAIRRO NA METRÓPOLE E NA VIDA

O desafio ao qual este trabalho se propõe é partir do espaço do bairro para pensar o mundo moderno e a sociedade valendo-se da densidade de conteúdos que esse espaço abriga, em suas dimensões culturais, históricas e sociais, sendo capaz de revelar uma série de dinâmicas e problemáticas urbanas a partir de suas dinâmicas internas que revelam a metrópole. O bairro é capaz de traduzir os conteúdos sociais da vida imediata, por ser o lugar onde esta se realiza, por ser o suporte doméstico, o lugar do tempo comum e cotidiano (SEABRA). O bairro é o lugar da metrópole onde a vida e as tarefas da vida cotidiana são possíveis. Daí sua potência para desvendar os conteúdos da vida urbana moderna.

Como ponto de partida da realização da vida temos a casa – como espaço privado e da família, a partir de onde o indivíduo se localiza na cidade e vai traçando os caminhos de realização da vida cotidiana. Como diz Éclea Bosi, o homem habita e se percebe no mundo a partir de sua casa. Trata-se do centro do domínio privado e, como tal, tem sua importância para o indivíduo enquanto refúgio. A casa então se constitui enquanto referência espacial e lugar do mundo privado, para além da questão da propriedade e da privação, mas como o refúgio do ocultamento, do qual, segundo Arendt, todo indivíduo precisa para crescer sem perturbações.

Seabra defende que há uma vida “citadina” localizada no bairro que precedeu a modernização geral da sociedade pela indústria e aí reside a potência desse espaço na busca de revelar as dinâmicas e problemáticas urbanas a partir dele, sem perder como referência a metrópole enquanto totalidade. O bairro é elementar, está na gênese do processo de urbanização. Segundo Seabra: “o nível mais elementar, aquele que tem sustentado as metamorfoses da forma urbana, é o bairro. É no movimento da parte com o todo que se situa o bairro em relação à cidade. Além do mais, como a recíproca é verdadeira, a parte contém o todo nos seus fragmentos, sendo por isso a cidade uma totalidade em relação ao bairro.”

O bairro se apresenta como espaço vivido, reflexo e condição das experiências cotidianas dos moradores e é uma possibilidade de recorte espacial que revela os conteúdos sociais da prática à partir da noção de lugar. Como aponta Serpa:

“Nas grandes cidades brasileiras, o recorte espacial priorizado pelas estatísticas oficiais é, em geral, o das regiões administrativas (ou distritos), espaços abstratos e grandes demais para despertar empatia como “espaços vividos” pela população, como “lugar”. É no bairro que se

elabora o sentimento de pertencimento ao “lugar”, espaço das práticas cotidianas e aparentemente banais”.

Priorizar a noção de lugar é um desafio frente ao processo de globalização que tudo homogeniza. É no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões, é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar (CARLOS). O lugar está associado ao plano do vivido, do imediato, da prática, daquilo que pode ser apropriado pelo corpo e a partir de onde a vida é possível na metrópole. E na metrópole, que se apresenta com uma trama de problemas que impõem barreiras e privações à realização da vida cotidiana, o nível do bairro é lugar das relações cotidianas mais simples, lugar da experiência e da ação, espaço vivido e sentido. À partir do lugar o habitante estabelece relações de identidade e reconhecimento com o espaço e com os outros em suas atividades mais simples e cotidianas, que dão sustentação à vida.

Buscando superar o conhecimento empírico sobre o bairro e desvendar a densidade e complexidade dos conteúdos que esse espaço abriga, o desafio está em, através das metamorfoses da vida de bairro encontrar, no momento atual, as especificidades do urbano moderno. A velocidade e a fluidez com que a morfologia muda, alterando o ritmo da vida no bairro, mostra o grau de articulação desse fragmento com o todo e sua potência para compreender o processo que moderniza toda a sociedade. Dialeticamente, a parte contém o todo e o revela.

Partindo do pressuposto que o espaço é condição, meio e produto das relações sociais (CARLOS), este se coloca como uma dimensão da sociedade, passível de análise e objeto específico de estudo da geografia. A produção do espaço aparece na contemporaneidade com total potência para que se compreenda o mundo moderno. No nível do bairro, a proposta deste trabalho é tomar habitante e espaço como categorias de análise, respectivamente, morador de bairro e bairro, enquanto produtor e produto de uma espacialidade específica que traduz meios e condições específicas à realização da vida, que se transformam sob o processo do urbano moderno.

Num primeiro momento, pode-se afirmar que tempo do bairro, tempo lento da vida cotidiana, passa pela “funcionalização abstrata do tempo transformado em tempo do trabalho”, simbolizando “a formação social capitalista que integra a cidade e os bairros na conformação da metrópole”. (SEABRA). Os elementos, as relações e os símbolos que afirmam o bairro e a vida

de bairro se transmutam para se conformar ao tempo e modo de vida metropolitano. “O habitante do bairro vive a condição de metropolitano, está enredado na mobilidade geral do urbano, tem inumeráveis elos institucionais que o ligam à sociedade.” Neste movimento de produção do urbano, a metrópole aponta uma mudança no tempo que invade a vida de bairro em lapsos de tempo cada vez menores, e gradativamente o morador vive a perda da sociabilidade própria da vida de bairro.

Portanto, a escala espacial do bairro é de importância central para a compreensão do modo de vida urbano atual e do cotidiano. “O bairro aparece como unidade espacial marcada pela vivência direta do cidadão, como lugar do habitar e o que ele implica, em uma metrópole como São Paulo. É no bairro que se pode ler os itinerários a partir dos quais se localiza e se realiza a vida urbana. No bairro as relações se tecem, e a partir daí é possível pensar a metrópole como um todo em seu processo atual de reprodução espacial.” (CARLOS)

CAPÍTULO 2 – A CRISE URBANA NO BAIRRO

A realidade percebida se impõe primeiramente enaltecendo os problemas urbanos que a vida cotidiana no bairro enfrenta: insegurança, escassez de transporte público, estranhamento, medo de andar à pé, enfraquecimento das relações de vizinhança e de comércio e enfraquecimento da vida pública através do esvaziamento das atividades agregadoras no bairro, bem como através da diminuição do fluxo cotidiano do ato de ir às compras – pois parte do comércio muda e centraliza-se na metrópole, esvaziando o comércio de bairro – que para além de um lugar de troca era também um lugar de reunião e encontro.

No contexto da reprodução da metrópole separando o lugar da moradia daquele do trabalho (CARLOS, 2001), a relação entre o bairro e seus habitantes vai se ressignificando e modificando a vida prática do habitante à medida que atravessa a forma como esse sujeito vivencia o mundo. “O que se pode vislumbrar no horizonte é que assistimos ao processo de constituição de uma sociedade marcada pelo distanciamento do homem com o outro, por meio da tendência de dissolução das relações sociais como o fim das relações de vizinhança, o esfacelamento das relações familiares, a mudança das relações dos homens com os objetos, a perda do conteúdo do trabalho e, com ele, a redução do conteúdo pleno da vida.”

Diante do enfraquecimento das ligações com o outro e das relações de vizinhança, elemento básico da vida de bairro, os mais velhos expressam com nostalgia as memórias do tempo passado e com frustração a impossibilidade da vida de bairro tal como um dia se teve, enquanto os mais novos crescem em privação de uma vida cidadã que só é possível no contato com o espaço público e os outros.

Foram entrevistados 6 moradores dessa parcela do bairro que chamamos de primeira gleba, limitada pela Avenida do Anastácio, o bairro City América e a Rodovia Anhanguera. Os entrevistados têm entre 21 e 65 anos e foram questionados sobre pontos da vida cotidiana que revelassem sua ligação subjetiva e formas de apropriação em relação ao espaço do bairro. No desenvolvimento da pesquisa constam também falas avulsas que ouvi de outros moradores - inclusive de outras parcelas do bairro - em algum momento, paralelamente às entrevistas, e que ilustram as reflexões. Os entrevistados foram questionados sobre suas predileções e dissabores em relação ao bairro, hábitos e preferências de consumo, meios de deslocamento, memórias e percepções sobre as mudanças morfológicas dos últimos tempos.

A maioria dos entrevistados entre 20 e 30 anos apontaram a preferência pelo automóvel como meio de locomoção mesmo para curtas distâncias, seja por temerem assaltos, seja pelo desinteresse em andar à pé. O trajeto não é apreciado e a velocidade é prioridade absoluta para essa faixa etária. Alguns relataram irem de carro até a academia - que está localizada dentro do bairro e da parcela do bairro estudada, que chamamos de Primeira Gleba - onde utilizam a esteira para caminhar ou correr. Nessa escolha, anula-se a possibilidade dos encontros espontâneos na rua. Para essa geração, os encontros são, em geral, programados, em lugares e horários definidos. A desorientação espacial, não quanto patologia mas como inabilidade de conhecer e reconhecer os espaços do bairro, se apresenta quando estes geralmente não conhecem muitos nomes de ruas. Tatiane, de 21 anos, afirma que as atividades de sua vida acontecem majoritariamente fora do bairro e, portanto, andar à pé só é possível em poucas e limitadas ocasiões. Para ela, segurança deve ser prioridade em seus deslocamentos, e tem medo de andar sozinha pelo bairro.

Os moradores mais antigos que foram entrevistados também sinalizaram a hegemonia do automóvel dentro do bairro como meio de locomoção, o que se expressa pelo esvaziamento das calçadas. Os aposentados e mais idosos, porém, fazem um outro uso do espaço. Elisa, que mora no bairro há 60 anos, diz que caminha todos os dias, para se exercitar, pelas ruas do bairro. Tereza, que mora há 43 anos, vai à pé até a academia, padaria e mercadinho, todos entre 500 e 800 metros de sua residência. Estes moradores mais idosos relatam vivenciar periodicamente encontros espontâneos nessas caminhadas que fazem, ainda que as coisas “não sejam mais como antigamente”, desde que os assaltos se tornaram mais comuns. O que as entrevistas logo a princípio revelam é que os idosos dispõem de mais tempo para viver o e no espaço do bairro, enquanto os mais jovens, inseridos no contexto do trabalho e/ou do estudo, projetam sua rotina no espaço e tempo metropolitano.

O tempo rápido se instaura no bairro, alterando os comportamentos, transformando a vida e mudando a relação do morador com esse espaço. A vida cotidiana é invadida pela conformação a um outro ritmo de vida, que não o ritmo da vida de bairro. O morador do bairro é exposto à condição metropolitana. Aos poucos a realização da vida, nas tarefas mais simples, como ir ao mercado, praticar esportes ou levar o cachorro para passear se torna cada vez mais exaustiva. No plano subjetivo, a efemeridade das estruturas se impõe e aos poucos vão se esgotando os referenciais de reconhecimento para os moradores mais antigos. Para os mais novos, não é

sequer possível construir referenciais, pois as formas não duram tempo bastante e o uso dos lugares do bairro não acontecem, senão esporadicamente.

“A vida cotidiana perde força no espaço fragmentado, o que implica o afrouxamento ou mesmo a perda das relações, pelo cerceamento dos passos, pelo distanciamento dos relacionamentos, impostos pelas transformações dos lugares da vida, porque o indivíduo se isola, se fecha dentro de casa, “longe da violência” e das incertezas de uma metrópole cada vez mais estranha.” (CARLOS, 2001).

A questão da propriedade territorial se coloca como limite à permanência das novas gerações das famílias no bairro: “O bairro e a vida de bairro defrontam-se com obstáculos: a propriedade territorial, pela qual se define o morador, é um limite histórico à reprodução do bairro. Afinal, como os moradores poderiam reproduzir suas famílias no mesmo lugar?” (SEABRA). Deste lado, há o fator da valorização imobiliária no bairro a partir da década de 70, quando foi construído o bairro vizinho City América com casas de alto padrão, criando um outro parâmetro de acesso à habitação no bairro, dentro da racionalidade da propriedade privada, impedindo, muitas vezes, que os filhos de antigos moradores adquiram propriedades, hoje vendidas a valores elevados.

O acesso à moradia é um sinalizador de quebra de permanência da família no mesmo bairro. Milka, filha de uma antiga moradora do bairro, relata que se mudou para o Jaraguá pois “No Parque São Domingos é tudo muito caro, não pude permanecer depois de me casar e deixar a casa da minha mãe.”. É uma queixa comum entre os moradores antigos a mudança de seus filhos por conta dos altos preços de aluguel e compra de imóveis no bairro.

Por outro lado, há o fator da mobilidade do trabalho na metrópole. Se antigamente os moradores trabalhavam no bairro, hoje a vida acontece num contexto metropolitano. Conforme coloca Seabra: “No limite, a sociedade se articula por dentro e sobre a vida de bairro. Mas, à medida que nela as gerações se sucedem, que a vida ativa vai se realizando, os pertencimentos também se diversificam, vão para além do bairro.”

O bairro, no contexto do processo violento que metamorfoseia esse espaço e altera seus usos, expressa a crise urbana, que se traduz por esse momento do processo histórico do “urbano produzido sob a égide do capital financeiro” (CARLOS), em que as transformações radicais da cidade impõem problemas diretos à realização da vida prática em suas mais variadas esferas, indicando a preponderância do valor de troca sob o valor de uso. Esse processo permeia a prática

social no bairro por meio de elementos da vida como habitação, mobilidade e consumo, e este trabalho se propõe a analisar as questões que as transformações da metrópole como um todo nos coloca. No contexto da crise generalizada da cidade que atinge, em maior ou menor grau, a todos, morar no bairro implica na dependência dos carros, fragmentação dos espaços-tempo, enclausuramento em muros altos e o exilamento na vida privada.

Todavia, dialeticamente a metamorfose mantém seu outro: a permanência. Essa pode ser lida quando pergunto nas entrevistas o que mais gostam no bairro. A tranquilidade - que às vezes aparece como esvaziamento - e as relações de vizinhança são os fatores que imperam. Denise diz que gosta “da tranquilidade, das pessoas, por parecer que todos se conhecem”.

Em certo grau ainda há resquícios de vida de bairro. Os comércios tradicionais que ainda resistem funcionam como atividade agregadora, em torno da qual há circulação nas calçadas e encontro entre os vizinhos. No imaginário, os moradores compartilham lembranças em relação a esses poucos e pequenos comércios. São resíduos que resistem às transformações socioespaciais e representam a possibilidade de análise do que é a vida de bairro no momento atual do processo histórico.

Na parte baixa do bairro, o recorte aqui escolhido, também conhecida como “primeira gleba”, a loja de roupas Duseuze, o mercadinho Taguchi e a padaria Recanto se destacam como ponto de encontro que resistiram ao tempo e às transformações.



Recorte espacial do bairro: “Primeira Gleba”. Fonte: Google Maps.



Localização dos comércios tradicionais: Pontos de encontro do bairro. Fonte: Google Maps.

Alguns fatores parecem ser determinantes para que estes estabelecimentos tenham resistido ao longo do tempo e se mantido, de certa forma, referência enquanto comércio e vida de bairro: são negócios familiares, sempre regidos pelos donos originais desde a abertura, tem pouca ou nenhuma rotatividade de funcionários - o que possibilita a criação de laços entre com os moradores -, os donos são também moradores do bairro e esses comércios são negócios pequenos, com organização administrativa relativamente simples e baseada principalmente na especificidade de ser um negócio de bairro.

Esses mesmos fatores que parecem possibilitar a permanência desses estabelecimentos - o equilíbrio entre a adaptação às tendências modernas de consumo e a tradição e o laço com os moradores - são os fatores que tornam esses lugares pontos de encontro em meio ao processo que torna o espaço do bairro cada vez mais vazio em relação ao uso. Mesmo frente a uma integração cada vez maior à metrópole e às novas formas e necessidades de consumo, são nesses lugares que o morador de bairro se reconhece e encontra algum referencial identitário..

CAPÍTULO 3 – MUDANÇAS NA PAISAGEM E NO USO

3.1 Moradia

As entrevistas revelam a articulação entre o público e o privado como condição necessária à realização da vida do morador de bairro quando Denise, por exemplo, diz que gosta do bairro “pois parece que todos se conhecem”. Todos os relatos apontam, em um ou outro momento, a vizinhança conhecida como um fator que faz com que permaneçam ali mesmo com todas as mudanças sofridas.

Conforme Carlos: “Pensar a casa envolve outras dimensões espaciais: a rua, depois o bairro, pois eles criam o primeiro quadro de articulação espacial no qual se apoia a vida cotidiana. É importante considerar que as formas que a sociedade produz guardam uma história, na medida em que o tempo implica duração e continuidade. As formas materiais arquitetônicas guardam um conteúdo social que a memória ilumina, tornando-as presente e, com isso, dando-lhes espessura, pois lhes é conferido um conteúdo no presente - fato ignorado pelas propostas de realização de operações urbanas na metrópole. A memória articula espaço e tempo com base em uma experiência vivida em determinado lugar. Nesse sentido a construção do lugar se revela, fundamentalmente, como construção de uma identidade. A memória liga-se, decididamente, a um lugar, ao uso e a um ritmo, logo, a uma relação espaço temporal, e não apenas a uma incursão no tempo - lugar e memória são indissociáveis.”

Os moradores expressam, por meio de suas falas, a importância do espaço reconhecido e da mediação do outro. Os vizinhos formam uma rede de relações pessoais que estendem-se para diversos âmbitos da vida. Teresa e Denise afirmam, em seus relatos, fazerem suas compras no bairro por serem tratadas com carinho. “No comércio do bairro somos conhecidos e atendidos com carinho, o que não encontramos em outros lugares”, afirma Denise, revelando os significados identitários e afetivos que atribui ao bairro e aos espaços que este contém. Nesse sentido, o habitar se realiza no plano da reprodução social e a condição humana, com seus sentidos e significados, atinge máxima potência no uso do espaço.

“Quando o ato de habitar passa a ser destituído de sentido, quando os homens se tornam instrumentos no processo de reprodução espacial, e suas casas se transformam em mera mercadoria, passíveis de serem trocadas ou derrubadas (em função das necessidades do

desenvolvimento económico da cidade), então a atividade humana do habitar, do estar com o outro, do reconhecer- se neste lugar e não no outro, reduz-se a uma finalidade utilitária. Nesse caso, inaugura-se "uma condição inumana", momento em que a apropriação passa a ser definida no âmbito do mundo da mercadoria." (CARLOS).

No contexto da metamorfose da metrópole que altera as possibilidades de uso dos lugares e as formas de apropriação, a vida no bairro vai se transmutando, sem deixar de ser o espaço imediato da vida, do tempo cotidiano. As atividades diárias da vida dos moradores, porém, estendem-se para fora do bairro, como trabalhar e estudar. Não raramente, para viabilizar o tempo, acabam agregando o lazer e outras necessidades fora do bairro também. Aos poucos, o habitar como ato social vai enfraquecendo, pois a realização do ir e vir do e para o bairro diariamente é tão exaustiva e demorada, que não sobra tempo. Os que mais resistem a essas mudanças são os aposentados, que sentem necessidade de sair do bairro com menor frequência, sofrendo menos com o trânsito e as longas distâncias. Para os mais jovens, o tempo metropolitano que invade o bairro - pelas bordas por meio do tráfego carregado e por dentro na instauração paulatina de novos ritmos de vida - quase impossibilita a realização da vida. Maria Alice lamenta a mudança do filho mais novo “O Rodrigo teve que se mudar para mais perto do trabalho, na região da Berrini. Todo dia ele já levantava irritado quando olhava o trânsito na ponte da janela do quarto.”.

Outro fator determinante para a transformação do sentido do habitar no bairro, o processo de valorização imobiliária. A valorização imobiliária criou um outro parâmetro de acesso à habitação no bairro: hoje não são mais as redes do cotidiano que levam uma pessoa a adquirir uma propriedade, e sim uma diferenciação de renda dentro da racionalidade da propriedade privada, marcando diferença na paisagem do bairro e na sua relação com os lugares que são próximos. Nesse contexto, as novas gerações de moradores muitas vezes não conseguem permanecer no bairro e com vinda de novos moradores as relações de vizinhança vão enfraquecendo-se pelo desconhecimento e falta de memórias identitárias para compartilhar.

A configuração do bairro começa a mudar na década de 70 com a construção do bairro vizinho, o City América, loteamento de alto padrão planejado sob o conceito de bairro-jardim pela inglesa Cia. City - considerada a maior empresa imobiliária e urbanística de São Paulo - , que elaborou também outros bairros nobres da capital na primeira metade do século 20, como Jardim América, Pacaembu, Alto da Lapa e Alto de Pinheiros. O bairro é majoritariamente

horizontal, com casas de alto padrão, ruas largas e arborizadas e o principal centro de lazer da região, o Parque Cidade de Toronto. Não há estabelecimentos comerciais. A segurança, privada, fica por conta de vigilantes que rondam o bairro a todo momento. O empreendimento produziu uma paisagem diferenciada onde “só havia mato”, dizem os moradores. Hoje a região convive com a diferença social. Após a construção do City América, o vizinho Parque São Domingos passou a receber casas luxuosas em seus terrenos vazios, que dividem parede com outras mais simples. Os moradores locais vêem essa mudança com bons olhos, “as casas novas são mais modernas, elevou o nível do bairro”, dizem.

O ato de habitar envolve tanto a dimensão do privado quanto do público e a questão do uso produtivo do espaço urbano em detrimento do improdutivo destitui o bairro de uma esfera pública que suporte a vida e forneça a possibilidade de desenvolvimento de certos valores cidadãos. Esse processo resulta no encolhimento da esfera pública e fortalecimento da vida privada, acompanhado do individualismo, estanhamento. O esvaziamento das ruas tem facetas múltiplas: definitivamente não há mais crianças brincando nelas, estas estão trancadas dentro de suas casas em frente aos computadores e televisões. “Passam muitos carros, ficou perigoso”, apontam os pais. As únicas crianças que se observa andando pelo bairro são os alunos do EMEF, que são, em sua esmagadora maioria, provenientes dos bairros das marginais da Rodovia Anhanguera. Não raramente ouve-se reclamações dos moradores sobre a existência dessa escola e sua “clientela externa”. Os jovens entrevistados relatam uma rotina “corrida”, não resta tempo para o “flanar” desprevensioso pelo bairro. Até mesmo os mais velhos, mais presentes nas ruas, sempre que podem, optam pelo automóvel e evitam sair de casa após o anoitecer, pelo medo de assaltos. Marilda, de 73 anos, afirma “Não deixo nada para depois das 17h, pois está muito perigoso.”.

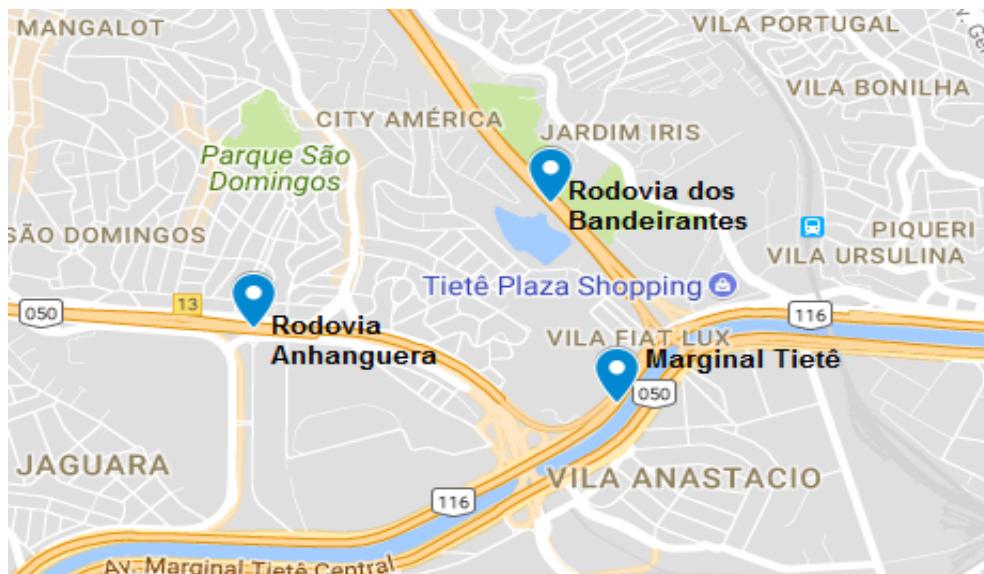
A situação coloca em questão o embate entre habitar (em seu sentido filosófico, como possibilidade de uso) e o habitat (como restrição e funcionalização do uso, enquanto o habitar se realiza no espaço, no espontâneo e no novo (PÁDUA) e o habitat representa a normatização da vida. Essa questão expressa a contradição que o bairro contém com a cisão entre um bairro-estratégia imobiliária (concepção funcionalista do urbanismo moderno) e um bairro enquanto tradução dos conteúdos sociais da vida imediata (SEABRA).

3. 2 Deslocamentos

“O movimento de transitar-se tornou-se cada vez mais tão importante como o habitar.” (H. Lefebvre em O Direito à Cidade)

A Greve dos Caminhoneiros, que atingiu seu ponto mais crítico no mês de maio de 2018, trouxe à superfície a questão da mobilidade e da circulação em todas as escalas da metrópole como assunto de maior importância, que atinge hoje todas as esferas da vida cotidiana. No contexto da metropolização do espaço, o bairro aparece inserido no dilema da hierarquização socioespacial trazendo o problema da separação entre o lugar da moradia e o lugar do trabalho. Para esse morador, os deslocamentos da vida cotidiana compreendem distâncias e tempos cada vez maiores, dados os atuais problemas de tráfego de automóveis que a cidade enfrenta. A cidade hoje organizada para o funcionamento do capital, em que a circulação de mercadorias condiciona a intenção das obras de trânsito viárias, a realização da vida humana fica em segundo plano, trazendo problemas diretos à prática cotidiana.

A situação geográfica do bairro o isola. Cercado pelas rodovias dos Bandeirantes e Anhanguera e o Rio Tietê, a ligação do bairro com o centro expandido se dá por meio de uma alça de acesso à Rodovia Anhanguera e pelas pontes sobre o Rio Tietê no sentido de volta para o bairro.



Situação geográfica de isolamento. Fonte: Google Maps.

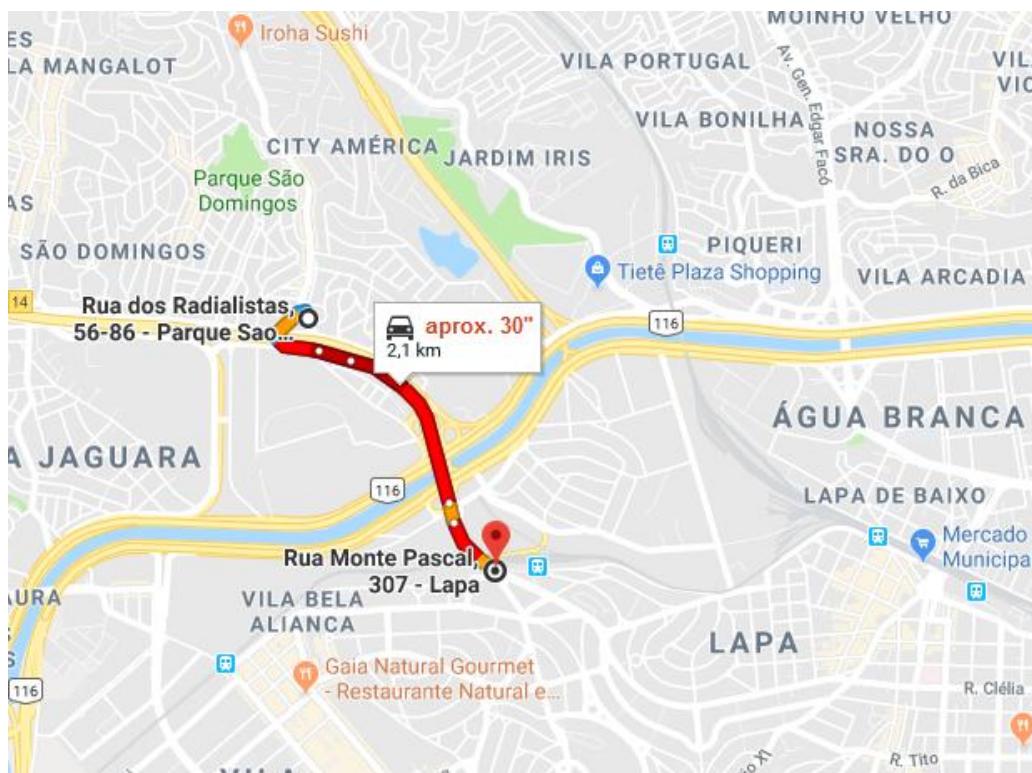
No ano de 2010, uma grande obra alterou completamente o fluxo na região com a construção dessa alça de acesso direto à Rodovia Anhanguera em direção à Marginal Tietê, juntamente com diversas outras alterações no trânsito, como mudança de sentido de ruas e nos acessos ao bairro. Até meados de 2009, o acesso para o centro da cidade se dava pelo chamado “furado”, um acesso subterrâneo estreito que saia do bairro e desembocava na Rodovia. Construído antes do boom de automóveis, o furado comportava apenas um carro por vez. Portanto, nos anos 2000 já havia problemas de engarrafamento no acesso. Após o encerramento das obras, o problema apenas se deslocou. Hoje o trânsito carregado de automóveis se concentra no novo acesso, principalmente nos horários de pico. A principal queixa dos moradores quanto às obras é em relação aos novos acessos, que constituem barreiras para boa parcela dos moradores, que hoje precisam fazer grandes desvios para chegar às suas casas quando vêm do centro da cidade e das marginais.

Moradores relatam que, após a obra, os deslocamentos de e para o bairro se tornaram muito mais desgastantes e demorados. Os entrevistados relataram que o fluxo de carros parece aumentar cada vez mais, assim como o congestionamento. Elisa reclama que “Melhorou no sentido que tinha uma grande comunidade carente que foi removida de debaixo da ponte. Porém, a primeira gleba teve o acesso bem restrito. O acesso não ficou vantajoso pros moradores da parte debaixo do parque”. Os moradores do início das margens da Anhanguera perderam o acesso ao bairro e hoje precisam fazer um grande desvio para chegar às suas casas. Carros e ônibus que vêm do bairro da Lapa perderam também o acesso antigo, na antiga primeira saída da Rodovia Anhanguera, e hoje precisam, em alta velocidade, atravessar para a Rua dos Radialistas para entrar no bairro.

A parcela do bairro que antigamente era acessível pela antiga saída, que hoje se encontra fechada, perdeu fluxo de carros e pessoas. O comércio local reclama a diminuição do movimento. A Rua Antônio Carlos Pereira perdeu umas das linhas de ônibus que recebia antes da obra. Claudia, dona de um pequeno comércio de roupas na rua diz que “O movimento de carros e pedestres diminuiu bastante, o que é ruim tanto para o comércio, como para a segurança.”.

A expressiva maioria dos moradores economicamente ativos trabalha dentro dos limites das vias marginais que cercam o centro expandido da cidade de São Paulo. Portanto, seus deslocamentos de trabalho são, pela manhã, em direção ao centro e pela, tarde, via contrária.

Durante a semana, entre as 6:30 e 9:30, horário de saída para o trabalho e estudos, um percurso de 2km leva em torno de 40 min para ser percorrido de carro, principal meio de transporte dos moradores.



Percorso Rua dos Radialistas - Rua Monte Pascal. Fonte: Google Maps.

A categoria trabalho representa uma faceta da realidade que permite compreender o grau de integração entre os processos que envolvem o bairro e a metrópole como um todo. O bairro se vê cada vez mais enredado no contexto geral da metrópole. O mundo do trabalho e suas mudanças inerentes ao processo do capital nas últimas décadas explicam as transmutações na vida cotidiana e nos deslocamentos diários em um contexto mais amplo que envolve toda a sociedade.

A dinâmica atual dos deslocamentos e circulação de pessoas no bairro evidencia uma situação de esvaziamento de pedestres nas ruas. O uso crescente dos automóveis, deriva não apenas das mudanças morfológicas que o bairro sofreu como da conformação geral da vida cotidiana ao ritmo urbano. As entrevistas revelam que o esvaziamento de pedestres nas ruas está ligado à hegemonia do automóvel, em primeiro lugar, como meio de transporte preferencial

mesmo para curtas distâncias, pela rapidez e comodidade que oferece. Esse fator pode ser relacionado à configuração do espaço, conformado para essa hegemonia, e ao ritmo de vida metropolitano, rápido, que exige eficiência nos deslocamentos para que todas as atividades da vida se realizem. “Faço a maioria das coisas de carro porque é mais rápido mesmo, já que não sobra muito para as coisas de casa tempo quando chego do trabalho.” Relataram alguns moradores.

Houve também o aumento da criminalidade ao longo dos últimos anos que está ligado, além de à dinâmica geral de aumento da violência urbana, à configuração geográfica do bairro, inserido entre diversas “rotas de fuga”, vias de trânsito rápido e fluente que facilitam a dispersão. O medo de assaltos é outro fator central que inibe o trânsito de pedestres. Dentro do bairro, pequenos trajetos podem ser percorridos à pé à luz do dia. Ainda assim, a sensação de insegurança sempre acompanha o pedestre. Os espaços públicos de lazer, quase inexistentes, são subutilizados e em muitas ruas não há comércios e, consequentemente, circulação de pessoas, tornando-as cada vez mais desertas e o pedestre mais vulnerável aos assaltantes.

Na Avenida do Anastácio, via de aproximadamente 2 km margeada de um lado por alguns comércios e, do outro, por uma passarela, pedestres são observados em quantidade mais expressiva praticando atividade física diariamente. A presença da atividade comercial parece oferecer sensação de presença e segurança.

O alto fluxo de automóveis no local tornou a tarefa de atravessar essa rua quase impossível e certamente muito perigosa, questão que traz à superfície as barreiras que o espaço impõe ao corpo.

Segundo Carlos, “O corpo é a expressão de relações sociais assentadas na dialética subordinação/subversão. O homem se relaciona com o espaço através do corpo, este é a mediação necessária a partir da qual nos relacionamos com o mundo e com os outros – uma relação com os espaços-tempos definidos no cotidiano. Desse modo, o corpo transita por diferentes escalas, ligando-as. Em primeiro o lugar, a casa (a partir de onde o sujeito começa a construir suas relações familiares e primeiras referências); depois a rua, na qual se vê em relação com o outro, instituindo tramas identitárias; depois a escala do bairro, que vai ganhando dimensão como relação de vários espaços-tempos mediados pela troca social (de todos os tipos); e, articulando essas escalas, o corpo depara-se com a cidade, multifacetada e múltipla, de ações simultâneas e imagens que seduzem e orientam.

Delineia-se assim uma justaposição de momentos da vida e escalas espaciais. Portanto nossas relações vão ganhando dimensões espaciais cada vez mais extensas, ligando-nos a espaços mais amplos associados a tempos contínuos e descontínuos – esse conjunto de relações envolve e concretiza como presença real o indivíduo, inicialmente pela corporeidade nos espaços-tempos da vida. A escala da vida cotidiana realiza-se concretamente, portanto, a partir de relações espaço-temporais, isto é, o modo como minha vida se desenrola revela uma dimensão espacial – a física nos deixa claro que todo corpo ocupa um lugar no espaço –, o que nos coloca a questão de como a realização da vida pode ter, nessa condição, um pressuposto. Daqui é possível discernir que todas as nossas relações ocorrem em lugares no espaço, marcados por tempos definidos. A cidade, como lugar da apropriação da vida, por meio do corpo e todos os seus sentidos, marca uma presença.”

As obras de engenharia de trânsito executadas, que implicaram no aumento do fluxo de automóveis dentro do bairro e nas vias de entrada e saída atuaram diretamente na imposição de barreiras à corporeidade. Hoje no bairro são marcados os espaços onde o pedestre sente-se de certa maneira confortável para caminhar, ainda que a presença dos automóveis nas ruas seja hegemônica, e os espaços onde está implícito que ele não deve transitar. A Rua dos Radialistas é um desses espaços que se coloca como uma barreira. Por essa rua desembocam os acessos de entrada e saída da Rodovia Anhanguera, porém ali também existem residências, comércios e pontos de transporte público. O trânsito rápido intimida o pedestre, que avança e recua repetidamente na dúvida se deveria estar ali.

Isso aponta para o confinamento do morador dentro do espaço privado da casa e a expansão do plano do privado para além do habitar, abrangendo também o deslocamento, que no bairro é majoritariamente particular, o lazer e tantas outras atividades da vida cotidiana, que encontram no espaço diversas barreiras e no tempo um novo ritmo, contexto que torna a vida cada vez mais individual, solitária, vazia e virtual. A questão da mobilidade no bairro, além da circulação, encontra barreiras à sua realização enquanto dimensão política da realização da vida.

3.3 Comércio

Um novo ritmo de vida se instala aos poucos no bairro. Em 2015, a Avenida do Anastácio passa a abrigar a multinacional Suíça ABB, trazendo consigo cerca de 900 funcionários num espaço de 6.800m², no terreno que antes pertencia à empresa Manah mas encontrava-se desativado desde a década de 80. A partir de então, começam a pipocar ao longo da avenida diversos estabelecimentos comerciais para servir às demandas dos novos trabalhadores que a empresa traz, como restaurantes, bares, drogarias, mini-mercado, etc. Muitos destes estabelecimentos têm vida curta e a rotatividade nos imóveis é alta. Atualmente, a Avenida do Anastácio é o único local do bairro onde há um fluxo considerável de pedestres, especialmente para a prática de esportes, devido à movimentação que a empresa e os comércios geram, o que fornece sensação de segurança aos transeuntes.

O comércio de bairro carrega características do que Milton Santos (1979) chama de setor inferior da economia urbana, com formas mais simples de organização e tecnologia, pequenos estoques, crédito não institucional, possibilidade de oscilação de preços (pechincha, *haggling*) e relação direta e personalizada com a clientela, que nos casos do bairro é uma extensão das relações vicinais.

No passado, esse tipo de comércio constituía a base da economia local e principal fonte de renda de diversas famílias. Hoje lutam para permanecer e alguns fatores parecem levar ao enfraquecimento dos negócios nos bairros:

- A valorização imobiliária, que expulsou muitos dos filhos dos donos dos comércios (sendo a morte destes o limite da existência dos negócios) e os próprios comerciantes que não detinham a propriedade e que elevou significativamente os preços dos aluguéis;
- A separação entre o lugar do trabalho e da moradia, que leva os moradores a frequentarem e consumirem em outros lugares da metrópole, não mais apenas no bairro;
- A chegada de filiais de grandes cadeias do comércio varejista, que enfraquecem não só os negócios com a possibilidade, muitas vezes, de preços mais competitivos, como também as relações interpessoais;



Comércios na Rua Antônio Carlos Pereira até os anos 2000. Fonte: Google Maps.

A Rua Antônio Carlos Pereira está localizada na parte baixa do bairro, a chamada “primeira gleba”, área limítrofe à Rodovia Anhanguera. Juntamente com a Rua dos Radialistas - entrada do bairro à partir da rodovia - constitui o centro comercial da primeira gleba. Até meados dos anos 2000, contava com as atividades comerciais indicadas na imagem. Hoje restam apenas a loja de roupas Duseuze e o mercadinho, que fechou e reabriu diversas vezes nos últimos anos com novos donos. Portanto, nesta rua, a loja Duseuze foi o único comércio que permaneceu e conseguiu manter seus laços de clientela e familiaridade com a vizinhança.

Quanto aos que desaparecem, aqueles que funcionavam em imóveis de configuração residencial hoje são residências familiares, como é o caso da floricultura da Dona Maria e a biciletaria do Sr. José. Onde Olívia morava e realizava seus serviços de costura com portas abertas hoje vive e trabalha Rosângela, que é cabeleireira. Os imóveis que tinham configuração comercial hoje abrigam escritórios de pequenas empresas que funcionam a portas fechadas. O antigo Pet Shop de esquina hoje é o escritório de uma fábrica de luvas. Onde funcionava o salão de beleza hoje trabalha um despachante e um psicólogo, pois os imóveis têm configuração comercial (recepção, banheiro masculino e feminino, sistema de interfone, etc).

Os estabelecimentos que ainda resistem à esse processo constituem hoje alguns dos principais lugares de encontro do bairro. São eles a loja de roupa Duseuze (30 anos), a padaria Recanto (40 anos) e o mercado Taguchi (40 anos), que pertencem à mesma família desde sua abertura e, por isso, atraem a vizinhança para o encontro na escassez de lugares públicos que ofereçam sensação de segurança. São estabelecimentos que fazem parte da história do bairro, como dizem os moradores. Foram fundados por imigrantes ou filhos de imigrantes e até hoje são geridos pelos donos originais (ou seus filhos). Apesar de nos três estabelecimentos as reformas estruturais e organizacionais terem sido necessárias devido às exigências mercadológicas, muito da configuração original se mantém desde a abertura, como o local, o nome, os funcionários, a proximidade com a clientela e a simplicidade da organização. São as referências que encontrará um antigo morador que retorne ao bairro para uma visita. Nesses lugares, há conhecidos que se encontram por acaso, que compartilham um passado comum sobre lugares do bairro que não existem mais. Nesses lugares, o morador do bairro conhece e é conhecido pelo outro.

CAPÍTULO 4 - O BAIRRO A PARTIR DA CADERNETA DE FIADO E A LOJA DUSEUZE

A loja Duseuze é um comércio varejista de pequeno porte do segmento de roupas e acessórios localizado na Rua Antônio Carlos Pereira, na chamada “primeira gleba” do Parque São Domingos. Seu fundador que dá nome à loja, José Nunes, conhecido como Seu Zé, a estabeleceu em 1989. José é foi pioneiro no comércio da região, amplamente conhecido pelos moradores mais antigos. Anteriormente à loja de roupas, possuía uma mercearia no imóvel ao lado. Em 2001, José falece e a loja passa às mãos de sua filha do meio, Claudia Nunes.

Na loja, a organização administrativa se mantém parecida há muitos anos, com alguns ajustes para se adequar aos avanços tecnológicos e aos adventos da modernidade, que trouxeram novas tendências e formas de consumo e demandaram algumas mudanças estruturais. Por exemplo, a propaganda de divulgação da loja, que antigamente era feita - quando feita - por meio do jornalzinho do bairro ou panfletagem, hoje acontece imperativamente nas redes sociais. As estruturas físicas passaram por uma reforma no ano de 2013 para otimizar o aproveitamento do espaço do pequeno imóvel e a aparência estética. O processo de venda, antes todo feito de forma manual, precisou ser automatizado para facilitar a emissão de notas fiscais e inventariado de estoque. Entretanto, há um elemento que sobreviveu à todas as mudanças pelas quais a loja passou: a caderneta de fiado, por meio da qual Claudia oferece aos seus clientes mais antigos e conhecidos a possibilidade de formas de pagamento diferenciadas.

A caderneta traduz a especificidade que o comércio de bairro contém. Pressupõe uma relação de confiança que transpõe o âmbito comercial. Ela contém a trama de relações de vizinhança, de identidade, de partilha de um cotidiano em comum e expressa a potência dos comércios de bairros como atividade agregadora, lugar de encontro e realização da vida de bairro.

Não são todos os clientes, porém, que contam com essa regalia proporcionada por Claudia, a dona da loja Duseuze. Novos moradores e clientes “de passagem”, por exemplo, não podem comprar fiado. A maioria esmagadora desses clientes selecionados são os moradores mais antigos do bairro, colegas de infância e seus familiares, velhos conhecidos. Claudia conta que, certa vez, a caderneta foi levada junto com o caixa inteiro por um assaltante e precisou contar

com a honestidade e memória de seus clientes para reconstituir a caderneta novamente. Por isso, uma ficha de cliente não existe sem que haja confiança e referências em relação a esse cliente.

Para Claudia, o fiado é um caminho de fidelização de clientes antigos. As entrevistas apontam que o afeto é um fator determinante nas escolhas relativas ao consumo para os moradores do bairro. Teresa afirma que faz suas compras no comércio local, pois é onde é tratada com “respeito e carinho”, além da comodidade e “atenção especial” que recebe. Para Denise, o atendimento “carinhoso” dificilmente é encontrado em outros lugares. Os depoimentos e a própria prática apontam para a importância da dimensão relacional no comércio de bairro. Isto é, as redes do cotidiano construídas no bairro pelas relações de vizinhança, que sustentam o espaço do bairro enquanto lugar da vida e dão sentido à prática socioespacial, têm também papel central nos hábitos de consumo no bairro. Outro ponto importante é que, diferentemente do comércio moderno, onde o cliente se serve sozinho, na loja Duseuze a presença de Claudia faz total diferença no movimento. Quando precisa se ausentar, quem cuida é sua única funcionária, em quem Claudia confia plenamente. A clientela, porém, claramente dá preferência pelo atendimento de Claudia. Ela conta que muitos, ao chegarem e perceberem sua ausência, optam por retornar posteriormente.

Ao contrário das relações humanas extremamente mercantilizadas como consequência de uma economia massificada pelo grande comércio e pela grande indústria, os resquícios de resistência do lugar no bairro Parque São Domingos se situam contra a destruição das relações sociais marcadas pela proximidade e pela identidade criadora da afetividade entre as pessoas. O bairro é o lugar fundamental da mudança, mas também da preservação das relações sociais de proximidade. A caderneta de fiado é, nesse sentido, a representação máxima da contradição do processo de desenvolvimento capitalista, que transforma o espaço em mercadoria implicando, neste movimento, a separação dos lugares da vida cotidiana: se por um lado os nomes e os negócios no fiado apontam para o passado e preservam a dimensão relacional das relações comerciais e da habitação, por outro, ressignificam-se no presente como forma de viabilizar a troca.

As relações comerciais dizem respeito à dimensão social e política da existência humana. Em “De L’État”, Lefebvre assinala a troca como “ato elementar da vida social”. O ato da troca se desdobra e se constitui nas relações com os outros, contendo a especificidade humana, por ser o homem animal político, que tem a sociabilidade como signo e condição de sua humanidade.

Aristóteles distingue o humano, pelo fato da sociabilidade, de um Deus (ser autossuficiente) e de um bruto (indivíduo inapto a se incluir nas relações humanas por sua incapacidade moral de respeitar regras). A troca se passa quando há o reconhecimento mútuo do outro e a projeção ao outro com uma intencionalidade. No contexto da divisão do trabalho, a sociedade se constitui enquanto um sistema de necessidades e trocas, regido por interesses e satisfação pessoal, que resultam no ato da troca.

Para Lefebvre (2004), a troca e o comércio são indispensáveis à sobrevivência e à vida, suscitam a riqueza e movimento. Na superação da cidade política, o espaço urbano torna-se o lugar do encontro das coisas e das pessoas, da troca, e o comércio torna-se função urbana, que faz surgir uma forma arquitetural e rege a organização da estrutura do espaço urbano. Hoje, com o valor de troca do espaço que rege a organização da cidade em detrimento do valor de uso, a prática social se altera a nível metropolitano, exprimindo-se na criação de espaços amnésicos (CARLOS), diluindo os referenciais que guiam a vida e baseiam a construção da identidade, produzida pela vida de relações. Nesse contexto, o encontro e as relações no espaço urbano se enfraquecem paulatinamente.

Na parcela de espaço aqui estudado, um fragmento da metrópole inserido no bairro Parque São Domingos, esse processo encontra resistência. A caderneta de fiado expressa, no âmbito da troca comercial, os elementos que persistem e continuam reproduzindo a vida de bairro enquanto prática socioespacial. Aqui, a estrutura da troca é mediada por relações baseadas em confiança, afeição e convívio de longos anos. Para que haja a troca material, é preciso que haja comunicação verbal, confrontação, comparação - portanto linguagem e discurso, sinais, troca mental (LEFEBVRE, 1977). Assim, o comércio de bairro se distingue dos modelos comerciais modernos, se que impõem na metrópole e se caracterizam pelo auto-serviço, alta rotatividade de funcionários, tratamentos impessoais, alto nível de informatização e organização burocrática, nas quais a existência de uma caderneta de fiado é impossível e impensável.

Em dezembro de 2013 foi inaugurado o Tietê Plaza Shopping a cerca de 2,5 km da loja, contendo cerca de 44 lojas do mesmo segmento da loja Duseuze. Claudia, porém, afirma não ter sentido nenhum impacto nas vendas com a chegada das novas concorrentes e atribui o fato à fidelidade de seus clientes, que busca perpetuar com o oferecimento do fiado. As entrevistas realizadas com suas clientes - que são, também, moradoras do bairro - apontam que não apenas a regalia oferecida de pagar as compras posteriormente seria o que as atrai para a loja, mas

também o trato recebido, a possibilidade de encontro com velhos amigos e conhecidos e a familiaridade com Claudia. Esse último fator, inclusive, se apresenta de forma interessante na fala de Denise, que disse ser o fato de Claudia conhecer seus gostos pessoais e toda sua família um facilitador na hora de escolher presentes de forma mais exclusiva e objetiva, por exemplo.

A caderneta de fiado contém, portanto, não só a representação financeira da mediação entre comprador e vendedor, mas também a representação das relações sociais e espaciais que são específicas da vida de bairro e que ali resistem mesmo com as mudanças morfológicas - citadas nos capítulos anteriores - que o espaço sofreu e que gradualmente têm alterado os hábitos de vida dos moradores. À medida que pressupõe familiaridade e confiança, a existência da caderneta traduz as relações de vizinhança que o espaço público poderia possibilitar por meio do encontro - e que vêm desaparecendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A unidade do bairro define-se como o lugar da vida cotidiana e do tempo comum, reflexo e condição das experiências cotidianas dos moradores e é unidade elementar a partir de onde se revelam os conteúdos do processo de urbanização e do urbano moderno no nível da prática socioespacial. A velocidade e a fluidez com que se transforma indica o grau de integração desse fragmento da metrópole com o todo e sua potência para compreender o processo que moderniza toda a sociedade. As mudanças percebidas no bairro ao longo do tempo correspondem à alteração direta da vida prática.

O bairro moderno, bem como a vida de bairro na cidade moderna, aparece como reflexo e produto do processo de produção do espaço metropolitano contemporâneo e da modernização da sociedade. No nível do lugar, reflete as marcas de uma geração moderna e cada vez mais voltada ao mundo privado, que projeta no espaço seu modo de vida e seus valores por meio da prática sócio-espacial. A geração que produz esse espaço hoje guarda poucos dos atributos tradicionais do que foi um dia a vida no bairro e o ritmo de vida específico desse espaço. A desorientação em relação ao espaço se expressa na relação do sujeito dessa geração com o bairro, pela ausência de laços identitários, produzindo, pelo uso, uma nova forma de apropriação, moderna e vazia. Os elementos, as relações e os símbolos que afirmam o bairro e a vida de bairro se transmutam para se conformar ao tempo e modo de vida metropolitano.

Na dimensão material, a morfologia do bairro justapõe tempos diversificados. As mudanças são a gênese dos conflitos e das questões que movem a pesquisa e, dialeticamente a metamorfose mantém seu outro: a permanência. O que resiste e a memória dos habitantes ajuda a construir uma linha do tempo e a encontrar o lugar do bairro na metrópole e na vida moderna.

Na realidade percebida e observada, há um certo esvaziamento das atividades de comércio agregadoras no bairro, através da diminuição do fluxo cotidiano do ato de ir às compras – pois parte do comércio muda e centraliza-se na metrópole. Passam a se concentrar na metrópole também o trabalho e estudo dos moradores, tornando os deslocamentos diários mais complexos. Os entrevistados economicamente ativos relatam uma rotina mais complexa e exaustiva, que se passa majoritariamente fora do bairro, onde trabalham e estudam, retornando apenas para dormir e realizar as atividades de consumo mais imediatas. O momento do lazer e a outra parte das necessidades de consumo acabam conciliando com a rotina na metrópole, pois a

complexidade dos deslocamentos quase esgota o tempo livre restante no dia-a-dia. Estes, inclusive, pelo pouco tempo que têm, dão preferência ao uso do automóvel em seus deslocamentos.

Já os entrevistados aposentados relataram um outro uso do espaço, consumindo preferencialmente à partir dos comércios do bairro e realizando grande parte de seus trajetos à pé. Estes moradores mais idosos relatam vivenciar periodicamente encontros espontâneos nessas caminhadas que fazem, ainda que as coisas “não sejam mais como antigamente”, desde que os assaltos se tornaram mais comuns.

Para todos, porém, o tempo rápido da metrópole se instaura no bairro alterando os comportamentos, transformando a vida e mudando a relação do morador com esse espaço. A vida cotidiana é invadida pela conformação a um outro ritmo de vida, que não o ritmo da vida de bairro. Hoje a vida acontece num contexto metropolitano e morar no bairro implica na dependência dos carros, fragmentação dos espaços-tempo, enclausuramento em muros altos e o exilamento na vida privada.

Todavia, dialeticamente a metamorfose mantém resquícios de vida de bairro. O esvaziamento das ruas por vezes aparece como fator “tranquilidade”. Os comércios tradicionais que ainda resistem funcionam como atividade agregadora, em torno da qual há circulação nas calçadas e encontro entre os vizinhos. No imaginário, os moradores compartilham lembranças em relação a esses poucos e pequenos comércios. São resíduos que resistem às transformações socioespaciais e representam a possibilidade de análise do que é a vida de bairro no momento atual do processo histórico.

A criminalidade aumentou nos últimos anos no bairro, mas “onde em São Paulo há segurança?”, indagou uma entrevistada, indicando que o Parque São Domingos, apesar de menos seguro que a anos atrás, ainda é um lugar bom para se morar. A articulação entre o público e o privado, que aparece com a familiaridade com a vizinhança, é condição necessária à realização da vida do morador de bairro.

No âmbito da moradia, as mudanças se iniciam nos anos 70, com a construção do bairro vizinho, o City América, loteamento de alto padrão planejado sob o conceito de bairro-jardim pela inglesa Cia. City - considerada a maior empresa imobiliária e urbanística de São Paulo. Após a construção do City América, o vizinho Parque São Domingos passou a receber casas luxuosas em seus terrenos vazios, que dividem parede com outras mais simples. A valorização

imobiliária criou um outro parâmetro de acesso à habitação no bairro: não são mais as redes do cotidiano que levam alguém a adquirir uma propriedade, e sim uma diferenciação de renda dentro da racionalidade da propriedade privada, marcando diferença na paisagem do bairro e na sua relação com os lugares que são próximos. Nesse contexto, as novas gerações de moradores muitas vezes não conseguem permanecer no bairro e com vinda de novos moradores as relações de vizinhança vão enfraquecendo-se pelo desconhecimento e falta de memórias identitárias para compartilhar. Esse processo resulta no encolhimento da esfera pública e fortalecimento da vida privada, acompanhado do individualismo, estanhamento.

Ao analisar os deslocamentos no bairro, uma grande obra executada em 2010 se notabiliza por ter alterado completamente o fluxo na região com a construção de uma alça de acesso direto à Rodovia Anhanguera em direção à Marginal Tietê, juntamente com diversas outras alterações no trânsito, como mudança de sentido de ruas e nos acessos ao bairro. Moradores entrevistados relataram que desde então os deslocamentos de e para o bairro têm sido cada vez mais demorados e desgastantes por conta do trânsito carregado e grandes desvios que hoje têm de ser feitos.

O uso crescente dos automóveis deriva não apenas das mudanças morfológicas que o bairro sofreu como também da conformação geral da vida cotidiana ao ritmo urbano e se apresenta no bairro com o esvaziamento de pedestres nas ruas. O alto fluxo de automóveis no local e a própria configuração do espaço, que prioriza o trânsito de carros, tornou a tarefa de atravessar essa rua quase impossível e certamente muito perigosa, questão que traz à superfície as barreiras que o espaço impõe ao corpo. Isso aponta para o confinamento do morador dentro do espaço privado da casa e a expansão do plano do privado para além do habitar, abrangendo também o deslocamento, que no bairro é majoritariamente particular, o lazer e tantas outras atividades da vida cotidiana, que encontram no espaço diversas barreiras e no tempo um novo ritmo, contexto que torna a vida cada vez mais individual, solitária, vazia e virtual. A questão da mobilidade no bairro, além da circulação, encontra barreiras à sua realização enquanto dimensão política da realização da vida.

Até a década de 80 o bairro abrigava a empresa Manah, que empregava muitos dos seus moradores. À partir de 2015, chega a multinacional Suíça ABB no mesmo terreno de 6.800m², trazendo consigo diversas mudanças no espaço e no ritmo de vida. Desde então - e até mesmo anteriormente a 2015, pois a existência do grande terreno sempre gerou especulações sobre qual

o grande empreendimento que se estabeleceria ali - , surgem ao longo da avenida diversos estabelecimentos comerciais para servir às demandas dos novos trabalhadores que a empresa traz, como restaurantes, bares, drogarias, mini-mercado, etc. Muitos destes já chegam com um formato mais moderno, enquanto filiais de grandes cadeias do comércio varejista, como o Pão de Açúcar Minuto e as Drogarias Raia e São Paulo. Essas mudanças, além de terem aumentado o fluxo de automóveis no bairro todo e de pessoas na avenida, causou impactos no comércio local.

O comércio tradicional de bairro carrega características do que Milton Santos chama de setor inferior da economia urbana com formas mais simples de organização e tecnologia, pequenos estoques, crédito não institucional, possibilidade de oscilação de preços e proximidade com a clientela, que no bairro é uma extensão das relações vicinais. As formas modernas de comércio varejista não permitem esse nível de pessoalidade, porém aparecem como uma alternativa mais funcional e prática, além de padronizada, possuindo geralmente preços mais competitivos e, enfraquecendo o comércio de bairro, enfraquecem também as relações interpessoais.

Na Rua Antônio Carlos Pereira (ref. mapa página 22 “Comércios na Rua Antônio Carlos Pereira até os anos 2000.”), dos 6 comércios que ali existiam até meados dos anos 2000, apenas restou a loja Duseuze enquanto detentor das características de um comércio tradicional de bairro. Ali, a organização administrativa se manteve parecida durante muitos anos, sucumbindo apenas a alguns ajustes para se adequar aos avanços tecnológicos e aos adventos da modernidade que não modificassem as características tradicionais do comércio. Entre transformações, resistências e permanências, há um elemento que se notabiliza: a caderneta de fiado, por meio da qual Claudia oferece à seus clientes mais antigos e conhecidos a possibilidade de formas de pagamento diferenciadas.

A caderneta traduz a especificidade que o comércio de bairro contém. Pressupõe uma relação de confiança que transpõe o âmbito comercial. Ela contém a trama de relações de vizinhança, de identidade, de partilha de um cotidiano em comum e expressa a potência dos comércios de bairros como atividade agregadora, lugar de encontro e realização da vida de bairro. Para a dona da loja, a caderneta é um meio de fidelização de clientes antigos e os critérios de seleção dos clientes que poderão contar com essa regalia são rigorosos, mas o fator que prevalece é, certamente, a afeição. As entrevistadas que são clientes da loja indicam em suas

fala a importância do afeto nessa relação que vai muito além de ser apenas comercial e tem uma dimensão relacional potencialmente reveladora.

Para Lefebvre, a troca é ato elementar da vida social, que se desdobra e se constitui nas relações com os outros, contendo a especificidade humana, por ser o homem animal político, que tem a sociabilidade como signo e condição de sua humanidade. Nesse contexto, encontramos na parcela de espaço estudado um elemento que representa a resistência ao processo de metropolização do espaço que enfraquece o encontro e as relações. Aqui a troca comercial é mediada por relações interpessoais de vizinhança, distinguindo assim o comércio de bairro do comércio varejista moderno, modelo que se impõe na metrópole e se caracteriza pelo auto-serviço, alta rotatividade de funcionários, tratamentos impessoais, alto nível de informatização e organização burocrática, nas quais a existência de uma caderneta de fiado é impossível e impensável. A caderneta de fiado contém as relações sociais e espaciais específicas da vida de bairro. No limite, permite a permanência das relações sociais que o espaço impossibilita.

A pesquisa termina abrindo-se para as outras questões. O morador idoso mostrou, por meio das entrevistas, que ainda caminha e encontra pessoas pelo bairro, enquanto o jovem se vê enredado em um contexto em que a complexidade da sua jornada diária não permite o tempo do *flanar*. Se cada geração projeta seu modo de vida e seus valores no espaço por meio da prática, qual o limite da vida de bairro no momento de uma geração cada vez mais voltada ao mundo privado e à conformação ao ritmo de vida metropolitano?

Hoje os comércios tradicionais de bairro aparecem na parcela estudada como as últimas possibilidades de encontro e contato com o outro, porém aos poucos as formas de consumo modernas já são maioria dentro do bairro e alguns gêneros de consumo já não são mais encontrados na forma tradicional (como as antigas farmácias, com seus farmacêuticos conhecidos por todos). Os moradores assistem paulatinamente à alteração direta da vida prática por meio dessas transformações. Qual será o limite do comércio de bairro frente ao processo do urbano moderno que tende a tudo homogeneizar?

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. A crise na educação. Entre o passado e o futuro. 7^a edição, Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. Ateliê Editorial, 2003.

CARLOS, A. F. A. A questão da habitação na metrópole de São Paulo. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm. 146.

CARLOS, A. F. A.. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. Editora Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLOS, A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. GEOUSP – Espaço e Tempo São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014.

LEFEBVRE, Henri. De l'état: Le mode de production étatique, Vol. 3. Paris: Union Générale d'Editions, 1977.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

PADUA, Rafael Faleiros de. “Prática socioespacial e o habitar” do curso de extensão “Henri Lefebvre e a Problemática Urbana”. 7 de agosto, 2018. FFLCH – DG, Universidade de São Paulo.

SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. In: O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2008.

SEABRA, O. L. C. Urbanização e fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. Tese (Livre-Docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2003.

SERPA, Angelo. Cidade popular: trama de relações sócio-espaciais. EDUFBA, 2007.